

CORREIO BRAZILIENSE

Na quarta parte nova os campos ara.
E se mais mundo houvera, lá chegara.
CAMÕES, e, VII e 14.

Presidente
Paulo Cabral de Araújo

Vice-Presidente
Ari Cunha

Diretor Gerente
Alberto de Sá Filho

Diretor de Redação
Ronaldo Martins Junqueira

Diretor Financeiro
Evaristo de Oliveira

Diretor Técnico
Ari Lopes Cunha

Diretor Comercial
Maurício Dinepi

Economia - Brasil A força do mercado

Está o Governo Federal em marcha batida para modernizar a nossa economia objetivando limpar todos os entraves burocráticos que vêm impedindo ao longo de muitos anos o trânsito de legítimos interesses nas relações entre o poder público e a sociedade pelos seus múltiplos segmentos. A derrubada do tabelamento de preços, abrindo espaços para a economia de mercado, deverá constituir-se no principal insumo para o desempenho da agricultura em busca do seu equilíbrio e de sua auto-sustentação.

E já não é sem tempo. Desde a década de 30, quando as potencialidades dos setores básicos da economia passaram a ser canalizadas para as escalas de atendimento ao mercado interno, iniciando a formação de excedentes exportáveis e iniciando a competição internacional, o setor agropecuário passou a ser discriminado pelos tabelamentos de ponta, sendo submetido a toda sorte de sacrifícios. Desconhecendo as pressões dos custos de produção, o preço junto ao consumidor jamais cobriu satisfatoriamente os gastos de quem produz. Em contrapartida, o setor de transformação sempre foi favorecido, levando para a sua estruturação a abundância de crédito e as moletas dos incentivos numa ciranda de favorecimentos múltipla e vária em sua diversificação. O campo sempre se constituiu em filho bastardo de todos os governos em benefício da indústria, do comércio e dos serviços. A presença do Estado em inúmeros setores do sistema produtivo impediu a ação energizadora da iniciativa privada. O resultado foi desastroso, com o acúmulo de ineficiência e a crescente geração do déficit do Tesouro Federal para dar sus-

tentação ao parque nacional das empresas estatais, com um desempenho irreversível de incapacidade gerencial e empresarial. As forças de mercado que poderão atuar doravante como estímulo maior na economia agropecuária certamente mudarão os perfis dos segmentos produtor e consumidor desde que os ganhos possam emergir de um processo de competição fundado na oferta e na procura para melhor definir os preços.

Além da agricultura um outro setor, por igual, ganha as liberdades da competição. A indústria farmacêutica que vinha sofrendo um policiamento ostensivo, mercê da ganância de alguns de seus integrantes, terá agora a responsabilidade de gerir seus destinos e ordenar os meios e os fins de sua presença no mercado. O cartório embutido no Ministério da Saúde, sob a falsa justificativa de controle e fiscalização está sendo desmontado. Cerca de 18 mil remédios aguardam carimbos e despachos. Toda uma parafernália burocrática será desativada, dando lugar a uma estrutura leve e funcional que encurte o caminho entre a produção e o consumo, deferindo-se ao Governo as estritas exigências de salvaguarda da vida humana. Em muitos casos bastará uma simples comunicação do lançamento de determinados produtos, substituindo um ritual que criava dificuldades para render facilidades.

Todo esse esforço deverá ter uma resposta de equilíbrio e de sensatez capaz de dar às lides da competição qualidade para atrair, preços para concorrer e bom-senso para dar continuidade à modernização efetiva das práticas de mercado.